

O poder dos senadores sem voto

Grandes empresários usam suplência como porta de entrada na política e dominam debates nas comissões

por César Felício
de Brasília

Arquiadversários na polêmica questão da lei de patentes, os senadores do PMDB Ney Suassuna (PB) e Fernando Bezerra (RN) têm dois pontos de união, além do partido e da origem nordestina: são empresários de destaque que não receberam um único voto popular para ocupar uma cadeira no Senado. O primeiro é forte no setor imobiliário do Rio de Janeiro e se beneficiou com a eleição do falecido senador Antônio Mariz para o governo da Paraíba, em 1994. O segundo, presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), tornou-se representante de seu estado com a eleição do titular, Garibaldi Alves, para governador.

Grandes empresários que usam a suplência de senador como uma porta de entrada na atividade política não são um fato raro no Congresso. Dentro do próprio PMDB, o pivô da maior crise política do governo Fernando Henrique, o caso Sivam, também foi um suplente: o senador Gilberto Miranda (AM), que tem várias parcerias com multinacionais na Zona Franca de Manaus. Ele chegou ao Senado quando o titular, Amazonino Mendes, se elegeu prefeito de Manaus menos de dois anos depois de se tornar senador.

No PSDB, o exemplo vem de São Paulo. O hoje ministro do Planejamento, José Serra, cedeu a sua cadeira (que não ocupou por um único dia) para o empresário do setor de papel e celulose Pedro Piva. Tanto Piva quanto Bezerra, Miranda ou Suassuna jamais haviam exercido qualquer cargo eletivo antes de se tornarem suplentes.

Neste ano, pelo menos mais um empresário pode chegar ao Senado caso o titular saia candidato nas eleições municipais. É o presidente da Associação Comercial de São Paulo, Lincoln Pereira da Cunha, suplente do senador Romeu Tuma (PSL-SP), cogitado para a Prefeitura de São Paulo.

A parceria entre senadores e empresários é assumida por alguns parlamentares como vantajosa para os dois lados. O senador Ney Suassuna (PB) confirma tranquilamente que apoiou financeiramente as campanhas de Mariz para senador, em 1990, e governador, em 1994. "Havia um acordo para que eu chegasse ao Senado", afirmou Suassuna. Ele só nega que seja um dileitante na política e invoca o peso de sua árvore genealógica na história da Paraíba. A ascendência do senador remonta ao conquistador Jerônimo de Albuquerque, que expulsou os franceses do Maranhão em 1618 e

foi o antepassado de vários nobres e governadores paraibanos.

Entre os titulares, o senador Jonas Pinheiro (PFL-MT) já adianta que irá ceder o seu lugar em 1998 para o empresário Blairo Maggi, com investimentos em soja, gado, avicultura e transporte fluvial. "Ele fará parte de uma nova geração de políticos", diz Pinheiro, que acrescenta que o empresário teve "participação discreta" no financiamento de sua campanha eleitoral.

O empresário radicado em São Paulo Luís Oswaldo Pastore, suplente do senador Gerson Camata (PMDB-ES), também tem boas chances de chegar ao Senado. Embora Camata não confirme, o líder do governo no Senado, Elcio Álvares (PFL-ES) afirma que o seu colega de bancada do Espírito Santo poderá ser o candidato de uma grande aliança ao governo do estado em 1998. Pastore se dedica à pecuária, à pimenta-do-reino e ao café.

O próprio Álvares, que não tenciona candidatar-se em 1998, tem como suplente outro grande empresário, Jônice Tristão, desta vez da área de comércio exterior. "É um amigo de longa data. Só aceitei ser candidato se ele fosse o suplente", afirma o senador. Também são suplentes o presidente da Confederação Nacional do Transporte, Clésio Andrade (do senador Francelino Pereira, PFL-MG), o empresário da área de laticínios Luís Girão (do senador Lúcio Alcântara, PSDB-CE) e o abastado advogado trabalhista Ulisses Riedel (do senador Lauro Campos, PT-DF).

Seria incorreto, contudo, generalizar a situação. Algumas vezes, a suplência é ocupada por parentes dos senadores. O baiano Antônio Carlos Magalhães (PFL) tem como substituto o seu filho, Antônio Carlos Magalhães Júnior, professor de administração em Salvador. Já o líder do PMDB no Senado, Jader Barbalho (PA), preferiu colocar o pai,

Laércio Barbalho, um ex-deputado estadual, como seu suplente. O senador goiano Íris Rezende (PMDB) optou pelo irmão, Otoniel Machado Carneiro, que foi secretário de governo quando Íris ocupou a administração estadual e é um dos mais conhecidos pecuaristas do estado.

A grande exceção à regra no Senado é o senador João França (PMDB-RR), que desde 1991 ocupa discretamente a cadeira que foi de Hélio Campos, falecido dois meses depois de eleito. O miúdo cearense João França, um dos muitos migrantes nordestinos a tentar a vida na Amazônia na década de 70, já foi de tudo na vida: lavrador, músico de banda, alfaiate e mestre-de-obras. "Como alfaiate, eu era muito bom, fazia todo tipo de roupa, para homem e para mulher", afirma, sem modéstia, o senador, que ingressou na política como cabo eleitoral nas campanhas de José Sarney para deputado e do próprio Campos.

Editoria de Arte/Gazeta Mercantil

Suplentes do Senado

Senador titular	Romeu Tuma - PSL/SP	Elcio Álvares - PFL/ES	Gerson Camata - PMDB/ES	Jonas Pinheiro - PFL/MT	Lúcio Alcântara - PSDB/CE	Francelino Pereira - PFL/MG	Ronaldo Cunha Lima - PMDB/PB	Lauro de Campos - PT/DF
Suplente	Lincoln da Cunha Pereira	Jônice Tristão	Luís Oswaldo Pastore	Blairo Maggi	Luís Girão	Clésio Andrade	José Carlos da Silva Júnior	Ulisses Riedel
Atividade	Dirigente Comercial	Comércio Exterior	Agropecuária	Agropecuária e Transportes	Indústria de Alimentos	Transportes	Comunicações	Advocacia Trabalhista